

Balsa

uma cidade perdida?

José d'Encarnação

[versão condensada na *Al-Madan* 16: 150]

Mais ou menos sob esse título deu à estampa o Dr. Luís Fraga da Silva, entusiasta pelas descobertas arqueológicas romanas nos arredores de Tavira e seu grande dinamizador, uma obra de consulta obrigatória, precisamente pelas inúmeras e actualizadas informações que carrega para o estudo de uma cidade – como é a de *Balsa* – plena de mistério para o homem comum ¹.

Rezam epígrafes que teve circo, para corrida de cavalos ²; explicita-se noutra (IRCP 78) que, na euforia de ter sido eleito para as enobrecedoras funções de sêxviro, interlocutor privilegiado entre os deuses e o imperador que venerava, o liberto Anio Primitivo gastou dinheiro a rodos para, numa homenagem à deusa Fortuna que sempre o protegera nos negócios, organizar combates de gladiadores e uma batalha naval (*edito barcarum certamine et pugilum*) para gáudio da população; na circunstância, foi igualmente um mãos-largas, obsequiando os cidadãos com benesses: *sportulis etiam civibus datis*.

Há famílias que são manifestamente “burguesas”, com todo o conteúdo hoje atribuído a esse adjectivo, por deterem poder económico e político de que se fazem gala: Mánlia Faustina, por exemplo, com autorização dos decurhões, manda erguer um cipo para colocar no fórum, dedicado ao irmão falecido, Tito Mánlio Faustino de seu nome, “*modelo de piedade, dúmviro por duas vezes*” e, em sua honra, não hesita em também oferecer um banquete (IRCP 79) ³.

Outros dados – arqueológicos, numismáticos, documentais – se poderiam aduzir para mostrar que, pelos séculos afora, designadamente decerto no III e no IV ⁴, *Balsa* se arvorou em grandioso empório marítimo, a rivalizar com a vizinha *Ossonoba*.

Por consequência, mais do que diante de uma cidade romana “perdida”, eu creio que estamos perante uma cidade reencontrada e, guiados por Luís

Fraga da Silva, vamos por aí, na emoção da descoberta.

Depois das palavras de ocasião do Presidente da edilidade, a apresentação da Presidente da Direcção do Campo Arqueológico, Dra. Maria Garcia Pereira Maia, que sublinha ser este “*um livro de divulgação, destinado ao grande público e que pretende, acima de tudo, não deixar cair no esquecimento esta jazida arqueológica que teve pouca sorte*”, pois não foi – estamos de acordo – uma “*cidade romana pequenina e mimada*”. Maria Maia sublinha a “*sólida base de documentação, muita leitura e muito estudo*” que subjaz ao livro, ainda que reconheça “*a sua aparente heterodoxia*” e a “*ousadia de algumas das teses*” nele defendidas.

É o autor quem prefacia o volume, a agradecer as colaborações havidas e a dar conta dos objectivos a atingir: “*Revelar o que estava escondido ou já desapareceu da antiga cidade de Balsa, descobrindo um pouco do espesso véu de mistério que a cobre, apesar do muito que ainda permanece desconhecido ou hipotético*”. Refere Luís Fraga da Silva as destruições que “*trabalhos agrícolas e urbanizações*” aí levaram a efeito, de tal modo que quase se pode dizer que o tema aqui tratado é mais uma “*questão imobiliária*”, pois, “*embora se encontre em zona arqueológica classificada e no Parque Natural da Ria Formosa, [...] o que resta está em perigo [...] devido aos apetites que a sua situação privilegiada desperta*” ⁵.

A “*advertência ao leitor*” dá, de certo modo, a opinião do Autor sobre o livro que escreve: “*denso, rico em texto, ilustrações e mapas geográficos, tendo-se dedicado um cuidado especial ao seu aspecto visual*”, dedicado “*ao público culto, requerendo conhecimentos básicos de história e cultura clássica e de geografia regional*”.



SILVA, Luís Fraga da (2007) – *Balsa, Cidade Perdida: a capital do Algarve Oriental na Época Romana*. Tavira: Campo Arqueológico de Tavira / C. Municipal de Tavira. ISBN: 978-972-97648-9-9.

Não hesita em considerar que a sua é uma “*visão inovadora sobre a história territorial e o urbanismo balsenses*”, baseado este último aspecto no “*trabalho original do autor sobre a morfologia urbana e o território da cidade*”.

Cada capítulo, para melhor compreensão do que nele se inclui, é precedido de resumo. Assim, o I trata da história da cidade (origem do topónimo, origens do aglomerado urbano, desenvolvimento e apogeu, declínio e desaparecimento, redescoberta e 2ª destruição), terminando (p. 37) com a pergunta “*Há um futuro para Balsa?*”. À questão não responde directamente, pois afirma: “*Apesar da violência das destruições, Balsa mantém o interesse de ser a única cidade romana do Algarve que não teve uma continuidade urbana*” e que, por isso, “*guarda ainda inúmeros vestígios da sua ocupação original*”. Confessa, porém, “*com tristeza*”, que este “*raro tesouro patrimonial*” se encontra “*em risco iminente de uma liquidação definitiva*”.

Apresenta o Cap. II uma sugestiva tabela cronológica para melhor enquadramento dos dados. “*Testemunhos*” antigos sobre a cidade ocupam o Cap. III. O IV (pp. 44-59) trata, em síntese, dos dados arqueológicos: monumentos epigráficos, esculturas, a placa dionisiaca, objectos pessoais e funerários, moedas (indígenas e romanas), lucernas, estruturas balneárias, espaços e estruturas funerárias. No Cap. V (Economia, pp. 50-69): conservas de peixe, ânforas, *garum*, cerâmica importada... Sob o título Geografia (Cap. VI, pp. 70-83), um assaz interessante enquadramento da cidade na estrutura territorial, envolvente desde o período pré-romano

até à época visigótica. Trata o Cap. VII das gentes que as inscrições documentam em *Balsa*: os “*55 Balsenses*” lhes chama Luís Fraga da Silva, deveras sugestivo estudo da onomástica patente nas epígrafes.

Como atrás se disse, é seguramente o Cap. VIII, sobre o urbanismo, aquele que maiores inovações apresenta, pois aí se propõe uma visão panorâmica da cidade, se formulam hipóteses sobre as quatro fases da sua evolução urbanística, e se estabelece comparação entre *Balsa* e outras cidades romanas do mundo hispânico. Completa-se este capítulo com o IX (pp. 108-124), a que o Autor modestamente chama de “*apêndice*”: aborda aí “*um tema quase desconhecido*”, mas “*de inegável interesse*”, pois elucida “*aspectos técnicos pertinentes do urbanismo balsense*” e aí se aduzem as justificações para as reconstituições e as interpretações propostas, consubstanciadas em plantas elucidativas. O Cap. X (pp. 124-137), esse sim, é, deveras, um apêndice, de grande utilidade para os menos familiarizados com as cidades romanas, dado que fornece breve mas esclarecedor panorama acerca do que elas eram nos seus aspectos fundamentais.

¹ O livro foi editado, em Maio de 2007, pelo Campo Arqueológico e pela Câmara Municipal de Tavira, com o apoio de organismos locais.

² Cf. ENCARNÇÃO, José d' (1984) – *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis* (= IRCP). Coimbra, inscrições n.ºs 76 e 77.

³ Cf. Encarnação, José d' (2003) – “*Quão importantes eram as gentes!...*”. In *Tavira. Território e Poder*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 95-104.

⁴ Cf. as conclusões a que, através do estudo das cerâmicas e dos vidros, chegou a Dra. Jeannette U. Smit Nolen (*Cerâmicas e Vidros de Torre de Ares – Balsa, Lisboa, 1994*).

⁵ Diga-se, em abono da verdade, que tem sido intensa a actividade desenvolvida pelo Campo Arqueológico de Tavira, liderado por Maria e Manuel Maia, numa tentativa de refrear impetus urbanísticos em terrenos onde já se sabe existirem ruínas, e procurando levar a efeito sondagens e mesmo escavações arqueológicas onde se considere fundamental. Dos resultados dessas pesquisas se têm feito eco em reuniões científicas. Uma consulta à página www.arqueotavira.com também resultará deveras proveitosa.

Chamei, em tempos, a *Balsa* uma cidade “*intrigante e esplendorosa*”⁶, dado que, como comecei por afirmar, se os monumentos epigráficos nos falam de esplendor, os achados arqueológicos – sucessivamente destruídos, como o Autor explicita – encaminham-nos mais, fascinados pelo mistério, em direcção a uma cidade-fantasma. Cadê o circo, senhores? E o fórum? E o templo ao culto imperial? E o teatro?... Termas diz Fraga da Silva que também teria; eu acho que até nem seriam precisas, que os braços do mar poderiam deter essa função – águas tépidas, límpidas, bonançosas...

Oscilou muito a costa por aí. Se calhar, em vez de apenas uma cidade de pedra, teríamos também uma de madeira: armazéns para o comércio, baracas para os pescadores...

Imaginamos, de resto, duas populações:

– A do mar: “*Vamos mariscar hoje, aproveitamos a maré e de volta pescamos uns besuguinhos ou apanhamos umas lamejinhas pró almoço!*”...

– A das administrações, que viveria mais para o interior, fiscalizadora, fria, senhora do seu nariz...

Quando dei a conhecer a Luís Fraga da Silva esta opinião – inspirada, por exemplo, numa Mira, em que tínhamos a Praia com suas construções de carácter quase efémero e o centro administrativo se situa já fora das dunas, da Barrinha, dos terrenos alagadiços... –, a sua reacção foi, para mim, inesperada: “*Equiparar Balsa a um cabanal de pescadores, mais ou menos boçais que tomavam banho nos charcos da ria, parece-me uma estrondosa falsidade*” (e-mail de 29-10-2005).

Não quisera eu – jamais! – deslustrar uma cidade e – muito menos! – a pesquisa aí levada a efeito durante tantos anos e com tão bons resultados! É que, na verdade, cidades piscatórias com as características de *Balsa* não vejo desdém algum em que possam ter dois aglomerados populacionais em pacífica convivência. Quem se passeia por Génova junto ao porto reconhece-se numa cidade bem diferente da urbe das ruas sobranceiras pejadas de palácios senhoriais... E tenho a certeza de que essa primeira reacção do Autor terá sido ultrapassada e não resisto, por tal motivo, a concluir essas breves linhas com os parágrafos finais do que se chegou a pensar como prefácio para a obra com que Luís Fraga da Silva laboriosamente nos brindou.

Fruto de toda uma azáfama de escavações, de miúda observação dos terrenos e dos vestígios, este é, deveras, um livro aliciante, na sua aparente simplicidade. Vejam-se, a título de exemplo, os desenhos das lucernas, pressupondo amplo e demorado trabalho de laboratório. E as marcas dos oleiros? Vamos ainda ter que estudá-las melhor, para identificarmos nomes e possíveis proveniências dos fabricos: seria aliciante, por exemplo, ver em OLYNT a abreviatura de um OLYNTHIVS, alguém que veio de Olinto, cidade grega... Apetece-nos ir nessa descoberta, a identificar estruturas, a reconstituí-las com os parcos elementos de que se dis-

põe, seduzidos pela beleza das imagens...

E que bem sentimos, ao observar o rol das moedas com toda a sua decoração, como – também aí – nada era deixado ao acaso: a mensagem pretendia-se clara, os atuns (principal fonte de riqueza), os barcos com seus *rostra* (a explicarem que preparados estavam para a luta a defender os seus interesses)...

Pela mão de Luís Fraga da Silva, quase nos apaixonamos tanto como ele por esta cidade que, ao longo de séculos, a incúria e a “vã cobiça” dos homens foram deixando perder.

Com ele percorremos vielas, admiramos o porto, sentimos o circo e a al-

gazarra das corridas, saudamos o Sr. Tusciliano que passa com séquito de servidores...⁷ e votamos, alfim, em plena consciência de cidadãos: queremos, senhores, esta cidade de volta! Depressa!

⁶ Cf. ENCARNÇÃO, José d' (2000) – “Balsa Intrigante e Esplendorosa”. *Sólus. Revista de Cultura Regional*. Faro, 2: 105-110.

⁷ Uma solene inscrição (Ircr 80) foi dedicada a Tito Rutilio Tusciliano, identificando-o como filho de Quinto Rutilio Rusticino e neto de Tito Mânlio Marcial, por um grupo dos seus libertos fiéis...